

...SARGENTO GARCIA ATRAVESSOU O DESERTO...

Dhemersson Warly Santos Costa¹
Maria dos Remédios de Brito

Resumo: O desafio desta proposta é criar ressonâncias entre a literatura de Caio Fernando Abreu e a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, através do conto “Sargento Garcia”. Partimos do pressuposto de que o personagem central “Garcia” é um nômade por excelência, o qual, embora esteja inserido em um contexto militar, território estriado, recheado de jogos de poder, autoritarismos e fascismo, faz do espaço um deserto, alisando-o para fazer passar os devires, as intensidades, os fluxos, as multiplicidades, o desejo... Um deserto que é atravessado por Garcia, uma paisagem para fabulação de uma “Nova Terra” não-humana, um mundo outro que se produz a partir da violência dos encontros.

Palavras-chave: Literatura; espaço liso e estriado; Deleuze e Guattari.

I

*Escreva então para destruir o texto, mas alimente-se.
Fartamente. Depois vomite. Pra mim, e isso pode ser
muito pessoal, escrever é enfiar um dedo na
garganta. Depois, claro, você peneira essa gosma,
amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor. Mas o
momento decisivo é o dedo na garganta (...)*

Caio Fernando Abreu

O desafio desta proposta é criar ressonâncias entre a literatura de Caio Fernando Abreu e a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, através do conto “Sargento Garcia”. Partimos do pressuposto de que o personagem central “Garcia” é um nômade por excelência, o qual, embora esteja inserido em um contexto militar, território estriado, recheado de jogos de poder, autoritarismos e fascismo, faz do espaço um deserto, alisando-o para fazer passar os devires, as intensidades, os fluxos, as multiplicidades, o desejo... Um deserto que é atravessado por Garcia, uma paisagem para fabulação de uma “Nova Terra” não-humana, um mundo outro que se produz a partir da violência dos encontros.

II

Na obra *Mil platôs* o deserto é qualificado por Deleuze e Guattari como um território aberto, nele não existe horizonte fendendo céu e terra, os sistemas fixos de referência não ancoram lugar, ao contrário, são produzidas através de uma topologia dinâmica orquestrada pelo movimento dos ventos, das ondulações e da areia. O deserto emerge nessa obra em meio ao aspecto espacial geográfico da Máquina de Guerra. A vertente espacial nele imbricado possui uma clara relação com a teoria do espaço, articulada a partir da oposição entre liso e estriado.

Nesta perspectiva o deserto é um espaço liso, ilimitado, construído pela variação contínua de vetores, não há horizonte, fundo ou ponto central. Ele é intensivo, informe isotópico distribuindo-se no território através de fluxos. O espaço estriado, por sua vez, é fechado, limitado pelo horizonte ao sistema métrico e dimensional. Extensivo por natureza, ele é

¹ E-mail: dhemerson1.santos@gmail.com.

mensurável e seus pontos de referencia são fixos, homogêneos, operado por meio da divisão do espaço abstrato. Tais qualidades são resultantes da experiência do território, dos modos de habitá-lo e vivê-lo, pois a questão que Deleuze e Guattari nos colocam não é mera oposição entre um e outro, ao contrário, estão misturados, coexistem em um mesmo movimento, um quer escapar o outro quer prender.

O estriado pode ser alisado na medida em que o espaço liso pode ser estriado, um duplo contínuo em que até mesmo o deserto pode ser organizado. Porém, não podemos cair na armadilha de acreditar que “um” deixa de ser o que é para, então, torna-se o outro. Trata-se de um movimento de fagocitose, um ingerindo o outro, cooptando e sendo cooptado. Assim, a criação do espaço liso ou estriado estará engendrada no modo de agir nômade e sedentário. É no deserto (assim como na estepe) que o nômade tribal se distribui pelo espaço, alisando-o, ocupando-o e resistindo a toda forma de estriamento sedentário do Estado.

III

Ao longo do livro *Mil platôs* (2013), Deleuze e Guattari explicitam um modo de vida do aparelho de Estado, uma existência voltada para o sedentarismo e a estratificação no território, como consequência da oferta de recursos (água, alimento, energia...). O sedentário possui uma relação de propósito com o território, ao passo que na vida nômade, ao contrário, esses recursos só existem para serem abandonados e estão ligados ao trajeto que mobiliza a vida nômade “o ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe e só existe como alternância” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53).

Os caminhos percorridos entre ambos, *sedentários x nômade*, possuem funções completamente distintas, enquanto no sedentarismo o trajeto consiste em distribuir os homens num *espaço fechado*, regulado e atribuído, o nômade distribui os homens (ou animais) num *espaço aberto*, indefinido e não comunicante, uma distribuição sem fronteiras. Enquanto o espaço do sedentário é estriado, o nômade desliza por um espaço liso, sem traços, sem muros ou fronteiras.

A máquina literária caiofernandiana opera sempre por deslocamentos, o movimento é sempre iminente, sem necessariamente está ligado à locomoção do corpo entre cidades, estados, bairros..., embora também o faça como forma de buscar outras experimentações, o movimento também acontece no pensamento. Seus personagens são desterritorializadores por excelência, até fixam no território, mas somente para extrair daquele espaço as experimentações do corpo, as cores, os sons, os devires, logo partem para outras experiências, outros espaços, outros mundos.

Foster (2011, p. 18) faz uma leitura semelhante da obra caiofernandiana:

Seus personagens estão sempre em deslocamento. “Esse movimento pode efetuar-se de modo lento ou rápido, curto ou longo, calmo ou frenético, embora, no mais das vezes, corresponda à segunda de todas essas alternativas. Mas não se trata apenas de deslocamento físico, embora esse ocorra inúmeras vezes, entre locais ou no mesmo local. Os personagens de Caio como os nômades de Deleuze estão sempre em movimento, mesmo parados. Mesmo quando imóveis, há sempre um trajeto trilhado por eles, na busca de si mesmo ou do outro, e de si mesmo no outro.

No conto “*Sargento Garcia*”², os personagens fissuram os códigos sociais e tradicionais do “amor romântico” arrastando seus corpos para a experimentação de um sexo que foge do

² O narrador Hermes nos conta que, no dia de sua apresentação ao serviço militar obrigatório, foi dispensado por ser arrimo de família. Porém, no caminho de volta para casa, foi abordado pelo sargento que o dispensara e recebeu

tradicional. O encontro fortuito entre os corpos de Hermes e o sargento Garcia é irradiado por uma troca de signos, entre os personagens, que inicia ainda no carro a caminho da pousada:

Pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei, e inchou mais. “Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas”. Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha, quiáquiáquiá. O vento descabelava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Mariquinha, maricão, quiáquiáquiá. E não, eu não sabia.

Aquilo tudo era novo para o jovem, “Nunca Fiz isso” (ABREU, 2015, p. 123) dispara Hermes ao seu destinatário, sargento Garcia, o qual irradiado por uma estranheza o questiona “Mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagenzinha ali, na beira da sanga? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem” (ABREU, 2015, p. 123), diante da resposta negativa, Garcia se oferece para ensinar o rapaz, o convite é prontamente aceito por Hermes:

Traguei fundo. Uma tontura me subiu pela cabeça. De dentro das casas, das árvores e das nuvens, as sombras e os reflexos guardados espiavam, esperando que eu olhasse outra vez direto para o sol. Mas ele já tinha caído no rio. Durante a noite os pontos de luz dormiam quietos, escondidos, guardados no meio das coisas. Ninguém sabia. Nem eu. — Quero — eu disse (ABREU, 2015, p. 124)

Hermes é pura intensidade, sempre aberto a experimentação das potências criadoras de existenciais em meio ao deserto da vida, mas é com o sargento Garcia que podemos ver como a máquina de guerra, e sua resistência ao modelo instituído, cria fissuras em um aparelho de Estado, mesmo estando imbricada nele. Garcia era um militar ligado a um contexto de autoritarismo e machismo excludente. Território fechado, marcado pelo uno e o idêntico. Nele as singularidades não encontram forças de vida. É preciso alisar o espaço, torná-lo intensivo, afetivo, territorializá-lo e desterritorializá-lo, resistir aos modos de dominação, sem necessariamente implicar uma luta armada, antes deslizar pelo território, como um nômade, extraindo o que há de mais potente para experimentar o corpo e suas forças.

No encontro amoroso com Hermes, Garcia fissa a imagem do militar, coloca-a em deriva, em nome de criação de um modo de vida outro, uma vida que está em trânsito, movimentada pelos encontros, neles os personagens alimentam-se um do outro, extraindo as sensações, os amores, as paixões, lançando-se no mar das incertezas, e assim vão “vivendo, dando-se aos afetos, às forças do mundo, aos encontros, pois tudo isso faz com que a vida seja possível” (BRITO, 2015, p. 320).

Todavia, a desterritorialização é o princípio motriz do nômade. Se ele territorializa no território é para extrair as potências de vida, mas o abandono vem em seguida. Garcia e Hermes, como verdadeiros nômades não se deixam estratificar nesse espaço confortável do amor romântico, da experiência amorosa extraíram o que de mais potente aquele encontro pode ofertar, para então retornar o percurso, pois é no caminho que nômade faz sua morada.

O encontro entre os personagens é marcado pelo efêmero, cada um segue seu caminho, seu próprio trajeto, sem trocar nomes, telefones ou endereços, um futuro certo, a única certeza que ficou é que não eram mais os mesmos, aquelas experiências os levarão a outros mundos possíveis, tracejar novos caminhos, novas possibilidades de existência.

um assédio sexual descarado da autoridade. Eles vão a um hotel, mas Hermes não se deixa penetrar. Mas o sargento tem um orgasmo sobre o rapaz. Hermes foge assustado e decide que começará a fumar no dia seguinte.

IV

De caminhos fluidos, da gagueira na língua e na fala fragmentada, de um ainda povo por vir, do não-dito e das imprecisões, de resíduos e das bordas emerge a máquina literária de Caio Fernando Abreu. Uma máquina de múltiplas entradas e muitos becos, inclusive sem saída, uma máquina que busca a experimentação de si, ainda que seja no outro. O funcionamento dessa máquina é sempre um corte, um fluxo. Uma paixão pelas palavras, mas que há também um desejo de esvaziá-las das suas significações, processando toda uma lógica do sentido em sua máquina de guerra literária. A literatura de Caio Fernando Abreu é assim, um encontro alegre, sem deixar de ser desconfortável, um encontro que movimenta o pensamento, arrasta o leitor para o deserto, caminhar pelas dunas, pela areia, sem limites marcados pelo horizonte, um ponto de partida ou uma linha de chegada. Sem mais, resta-nos o convite a leitura desta inspiradora máquina literária. Ler, experimentar, criar, resistir... Este é o caloroso convite de Caio Fernando Abreu. Declaremos, pois, grito de guerra a todas as verdades acabadas, as unidades, ao sedentarismo, ao Aparelho de Estado, criando linhas de fuga nômade. Eis o desafio desta escrita.

Referências

ABREU, C. Fernando. *Morangos mofados*. Nova Fronteira, 2015.

BRITO, M. R. *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34, 2013.

FORSTER, G. A Desterritorialização do "eu" em contos de Caio Fernando Abreu. *revista de letras*, p. 91-108, 2011.